

*Outsider Art. Contesting boundaries in contemporary culture, de Vera Zolberg e Cherbo Joni Maya. Inglaterra, Cambridge University Press, 1997.*

Rita Gusmão\*

Em *Outsider Art*, a professora doutora Vera Zolberg, do Departamento de Sociologia da New School for Social Research, em parceria com a professora Joni Maya Cherbo, pesquisadora associada de várias universidades, entre elas a New York University, se propõem a analisar as manifestações artísticas da contemporaneidade, cujas características se prendam a elementos por elas considerados típicos à pós-modernidade : diluição da hierarquia entre os gêneros, abertura para novas atitudes e experimentos de linguagem, sem precedentes históricos segundo as mesmas, e um caráter inclusivista, relativo à hibridização de conceitos e de materiais nas obras; estes elementos servem de esteio para a revelação de aspectos, estratégias e movimentos dessa que é várias vezes mencionada no texto como a transformação pós-moderna da arte. O principal motivador dessa na análise macro é justamente a categoria *Outsider Art*, visto como um novo gênero.

A linguagem desenvolvida por grupos étnicos, por populações de rua, por presidiários, por pacientes de hospícios e hospitais, e outras categorias de não-artistas, passa a ser reconhecida como arte pelo cânone; mas é como *outsider art*, que se afirma, e seus produtos e performance estéticas entram no mercado. Essa noção de *outsider art*, sofre ainda uma expansão para absorver os artistas que recebem treinamento na tradição familiar ou da sua comunidade específica. Quando estes artistas buscam o reconhecimento, a publicidade e a remuneração do seu trabalho no mundo social da arte, são então classificados e valorados no contexto *outsider*. Para as organizadoras da coletânea, as barreiras entre as chamadas Arte e arte, entre arte e política, arte e rito religiosos, arte e expressão emocional étnica, arte e terapia, arte e vida, vêm sendo rom-

---

\* Mestra em Multimeios pela Unicamp, artista cênica e arte-educadora.

pidas, principalmente pelos não-artistas que desenvolvem sua prática nessa perspectiva histórica de incorporação ao *mainstream*, e mais particularmente se percebe isto nas artes visuais.

No capítulo primeiro, “*Asylum art : the social construction of an aesthetic category*”, Anne E. Bowler, professora assistente de Sociologia da Universidade de Delaware, aponta a uma valorização mercadológica dos produtos artísticos desenvolvidos por auto-didatas, entre os quais são citados os pacientes em tratamento mental, visionários e também presidiários. Essa categoria de *outsider art* teria se implementado aproximadamente a partir de 1992, quando artistas teriam passado a encarar este tipo de produção como um novo modelo de criatividade. Todo um panorama histórico é levantado pela autora, no intuito talvez de demonstrar a cristalização desta categoria estética, que segundo a mesma está intimamente ligada ao discurso ou à questão da autenticidade. Uma de suas considerações cita Eugene Metcalf (1994) para lembrar o quanto os termos “inside” e “outside” não são de forma alguma equivalentes contrários. A construção dessa arte do insano, obedeceria, assim, a uma valorização e credibilidade da expressão estética de personalidades relativamente livres de influências do contexto social e cultural dominante.

No capítulo segundo, Steven C. Dubin, professor de Sociologia da Universidade Estadual de Nova York, aborda “The centrality or marginality : naive artists and savvy supporters”. Segundo o próprio autor, seu objetivo é o de analisar o controle ou a contenção da condição marginal no mundo social da arte. Adotando um conceito de marginalidade influenciado por Emile Durkheim (1951) e por Georg Simmel (1971), elege características como baixo poder aquisitivo, baixa possibilidade de escolhas, habilidade limitada para assegurar a consecução dos desejos, e mais alto grau de frustração, como constituintes dessa classe marginal. Na sua análise considera os tipos artísticos, as interseções entre os vários mundos artísticos, e também a apropriação do território artístico pelo *naive*, como processos simbólicos da relação arte e marginalidade. Para desenvolver esta reflexão, descreve e analisa a trajetória de três artistas *naive*, Jesse “Outlaw” Howard (EUA), Henry Darger (EUA) e Lee Godie (EUA), norte-americanos que se tornaram celebridades nos anos 1970/80. A própria autoridade artística surge como questão na relação artista *outsider* e mundo social da arte, uma vez que a promoção e a valorização do artista *naive* também traduz um modo de resistência ao *establishment* artístico. Esta tensão, para o autor, evidencia uma tensão entre os formatos culturais da obra artística, que se liga intimamente ao reconhecimento público enquanto elemento manipulável pelos interesses do mercado. Por outro lado a aceitação do artista *naive* como prática marginal gera uma aura espetacular que favorece

sua permanência no mundo da arte e lhe confere certa nobreza. E por fim, o autor menciona o dilema que transparece no modo naïve, no qual o artista se vê constatemente chamado a optar entre o aprendizado técnico de outro, ou o investimento nos seus próprios termos, no seu próprio projeto inventivo.

Encerrando a primeira parte da coletânea, a própria professora Vera Zolberg, trata do “African legacies, American realities: art and artists on the edge”. A assunção da arte africana pelos museus, em exposições formais, gerando mesmo uma estratégia de relação entre artistas, de artistas com o mercado, e de composição entre várias dimensões do mundo social da arte. Nas suas considerações a autora lembra a forma de arte *outsider* com uma via de expressão étnica, racial e de identidade, paralela à outras formas desta categoria de manifestação estética. E também que a capacidade absorptiva do *mainstream*, é um elemento que individualiza o artista, mesmo quando este se filia a uma linha demarcada pela solidariedade étnica.

Em sua primeira parte, esta coletânea busca traçar uma tipologia de artistas e, pode-se dizer, linguagens artísticas *outsiders*. Na segunda parte, o enfoque se dirige para a relação do artista com seu mercado específico, sua clientela, sua carreira. O modo como o artista em posição de *outsider* organiza e desenvolve sua trajetória em busca do reconhecimento público de sua obra.

O capítulo quarto, “Art production and artists’ careers : the transition from ‘outside’ to ‘inside’”, traz uma reflexão de Henry C. Finney, artista, sociólogo e escritor, que foi professor da faculdade de Sociologia da Universidade de Vermont até 1994, acerca dos fatores que afetam a carreira e o reconhecimento de um artista no mundo da arte visual contemporânea. Foram eleitos fatores como : o próprio desenvolvimento da vida do artista, nos seus aspectos biográficos, seu aprendizado técnico, suas afinidades estilísticas, filiação racial, gênero, residência, aspectos psicossociais, instituições oficiais onde tenha mostrado seu trabalho, estratégia de marketing adotada, rede de contatos no mundo social e profissional, visibilidade, círculo de artistas amigos ou associados ao qual pertence, entre outros. Esta tentativa de listagem sugere ao fim que toda uma rede de tarefas faz parte da construção da carreira e do sucesso de um artista, e de fato, isto abrange artistas “outsiders” e “insiders”, no mundo contemporâneo.

No capítulo cinco, Joni Maya Cherbo, socióloga especialista em arte e política cultural, com trabalhos desenvolvidos junto a várias universidades, volta à meteórica Pop Art. “Pop Art: ugly duckling to swan”, recupera a cena artística social de Nova York, nos anos 1960, onde a Pop Arte ditou os parâmetros novos de trabalho e de organização da obra e da carreira dos artistas.

Nas suas considerações finais, a autora ressalta uma absorção da Pop Art pelo mercado, que aproveitou inclusive para se reformular em aspectos como acessibilidade conceitual da obra de arte e participação do público no contexto de fruição desta.

No capítulo “Playing with fire: institutionalizing the artist at Kostabi World”, o pesquisador András Szántó, do Media Studies Center de Nova York, descreve a estratégia de Mark Kostabi, artista visual, para criar sua participação e reconhecimento no mercado mundial de arte desde 1980. Com um padrão considerado agressivo de entrada na mídia, Kostabi colocou seus trabalhos nos maiores jornais, norte-americanos e europeus, e em galerias do mundo inteiro. Em seguida caiu no ostracismo, e parece contar como referência de Pop Arte a ser, talvez, redescoberta.

A segunda parte do livro termina com o artigo “Outsider art and insider artists: gauging public reactions to contemporary public”, da pesquisadora Nathalie Heinich, do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), Paris. A reflexão por ela desenvolvida gira em torno da recepção da obra de arte, seja pelo público, seja pelos parâmetros que o patrocinador estabelece para julgar seu valor e pertinência. São baseadas estas considerações nas obras de três artistas contemporâneos de projeção mundial: Robert Rauschenberg, Daniel Buren e Christo. A pesquisadora levanta a hipótese de que valores sexuais e morais são fatores relevantes, nos EUA e na França, para a aceitação e a crítica ao trabalho desses artistas.

A terceira parte do livro, “Living in the cracks”, se dedica a uma revisão do teatro no contexto da *Outsider Art*. Inicialmente Judy Levine, consultora da Universidade de Nova York, trata do teatro na sua ligação com o serviço social de reeducação de populações confinadas, nos vários tipos de instituições de clausura. Em “Art as a social service: Theatre for the Forgotten”, desenvolve considerações tais como a de que os programas de reeducação propostos pelo sistema penal, não só comporta como necessita da complementação possibilitada pela noção de “access to artistic experiences a basic human right”.

O capítulo nono, “Multiculturalism in process: Italo- Australian bilingual theatre and its audiences”, de Maria Shevetsova, integra esta coletânea trazendo a narração e a análise da experiência de grupos bilíngües de teatro, australiano/italiano, em suas trajetórias de explicitação do impacto da adaptação de um imigrante a uma outra cultura, bem como da capacidade de absorção por parte do público de espetáculos multiculturais.

“In the empire of the object: the geographies of Ana Mendieta”, por Irit Rogoff, professora do programa de análise crítica da cultura visual, da Univer-

sidade da Califórnia, resgata a artista Ana Mendieta. Artista conceitual, cubana, feminista, Mendieta buscou atingir a esfera do cultural através do discurso sobre a raça, sobre o gênero e de território geográfico. Seu trabalho se baseia na topografia do corpo feminino, e seu objetivo seria o de romper limites já estabelecidos pela cultura artística mercadologicamente orientada, e ampliar as possibilidades políticas e pessoais do feminino no mundo social da arte.

Por fim, a parte quatro do livro, traz o universo do movimento e da dança para o contexto da *outsider art*. Nos seus dois artigos vamos encontrar descrições sobre estilos coreográficos que ultrapassaram as escolas e se tornaram referências culturais do mundo social a que pertencem.

O capítulo onze, “Colleges and companies: early modern dance in the United States”, Leila Sussmann, traça uma introdução ao universo da dança moderna, a partir do trabalho de professores que se dedicaram a desenvolver programas de educação física e de treinamento coreográfico para mulheres. A maioria destes pesquisadores esteve filiada a grandes colégios e faculdades particulares, onde grupos se formaram ao seu redor. Quando os projetos se estendiam a outros tipos de instituições, como hospitais ou orfanatos, o objetivo se voltava para o entretenimento dos internados aliado ao treinamento de alunas na prática de ensino. Nas suas considerações finais, a autora fala da noção de Nova Mulher, como um dos caminhos de organização política feminista que se apoiaram nesse novo corpo que surgia de movimentos de entrada da dança no mercado e no status cênico que conhecemos hoje.

O capítulo 12, “How many did it take to tango? Voyages of urban culture in the early 1900s”, escrito por Juan E. Corradi, professor de Sociologia da Graduate School of Arts and Science da Universidade de Nova York, evoca a evolução histórica e estética do tango, sua emigração da Argentina para o mundo. O autor aponta afinidades entre o tango e várias circunstâncias do mundo social ligadas à emergência da dança como alta manifestação cultural. O reconhecimento do tango como linguagem específica na arte cênica, especialmente em Paris, significou a própria assunção de um sistema simbólico de relações interpessoais, mercadológicas entre formas culturais, contribui para a revisão de vários processos de legitimação cultural a partir da *outsider art* junto ao público a ao *mainstream*.